



# boletim CDOC #16

## EDITORIAL...

Neste Boletim a Equipa do Museu Municipal de Loulé dá-vos a 'boa nova' que muito em breve pode vir a integrar a Rede Portuguesa de Museus. Sentimo-nos orgulhosos - Loulé está de parabéns! Local vivo, cheio de memórias, de objetos e documentos que querem ser vividos; este é o nosso Museu. Fica uma vez mais o convite, venha visitar-nos.

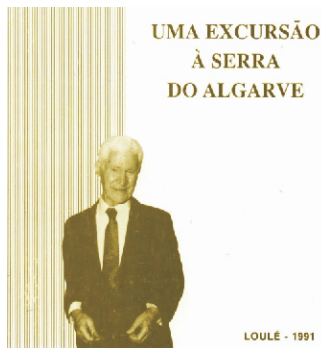
## ESCOLHEMOS PARA SI...

## ...NO CENTRO DOCUMENTAÇÃO

### UMA EXCURSÃO À SERRA DO ALGARVE POR MANUEL VIEGAS GUERREIRO

Etnólogo, pedagogo e estudioso incansável da cultura popular, Manuel Viegas Guerreiro (1912-1997), natural de Querença, legou à posteridade diversos escritos e itinerários que constituem um importante contributo para o desenvolvimento e divulgação da Antropologia Cultural e da Etnografia, enquanto ciências modernas no nosso país. *Uma excursão à serra do Algarve*, cuja primeira edição foi impressa em 1959 pela Tipografia União (Faro), visando uma distribuição restrita, é um desses estudos em que o professor Manuel Viegas Guerreiro procurou transpor para o papel, de forma simples e acessível a todos, os saberes, crenças, rituais e costumes por si observados. A obra desdobra-se no seguinte itinerário: Corcitos, Cabaça, Barrigões, Sarnadinha, Montinho, Corte Fidalgo, Sítio das Éguas, Sobreira, Monte do Alganduro, Ameixeirinha e, novamente, Corcitos. Embora se trate de um trabalho sucinto, um "breve e apressado relato" segundo Manuel Viegas Guerreiro, ao longo do percurso, o autor regista inúmeros aspetos que nos permitem compreender como era o quotidiano daqueles que à época habitavam a serra algarvia. Assim, ao passar pela localidade de Cabaça, Manuel Viegas Guerreiro faz uma descrição minuciosa do tipo de habitação que aí existia, começando por escrever que o "[...] seu carácter é primitivo", mas que "com as paredes por rebocar e o seu tom castanho escuro a casa serrana integra-se perfeitamente no todo a que pertence. E nem lhe fica mal o ar rude e tosco da sua fisionomia exterior". Para além disso, acrescenta que "Pode o agregado familiar dispor ainda de forno, pocilgo, curral e palheiro", descrevendo igualmente cada uma destas divisões. Até dar por cumprido o itinerário estabelecido, o autor irá igualmente fornecer informações acerca da flora serrana (sobreiro, medronheiro, esteva, sargoaço, rasmonos, tojo, lentisco, murta, urze...), salientando também a existência de uma agricultura de subsistência e de algum pastoreio. Destaca-se também a preocupação de Manuel Viegas Guerreiro em assinalar algumas das carências existentes nos sítios que

visitou, procurando dessa forma que as mesmas sejam supridas. Assim, escreve: "Soube, em Barrigões que não iam à missa. A Igreja fica longe, objectaram-me. Pouca fé, nenhuma assistência espiritual e almas propensas, pelo isolamento em que vivem, à meditação e reflexão. É este também um grave problema a que urge dar imediata solução". Receptor incansável, a literatura oral era uma das paixões de Manuel Viegas Guerreiro e, por esse motivo, esse foi outro dos objetivos desta excursão. Contudo, o autor termina a sua viagem lamentando "De folclore é que nada recolhi. Uma serrenha rica deu-nos água e assentos, mas tirou-nos teimosamente todas as esperanças de contos e cantigas [...]". Em suma, *Uma excursão à serra do Algarve* é uma obra de pequena dimensão, mas de inestimável valor para o conhecimento de diversos aspetos ligados à cultura popular e que nos permitem desvendar as raízes da nossa própria identidade. A 1.ª edição desta obra esgotou rapidamente, comprovando o seu interesse e importância, pelo que a Câmara Municipal de Loulé foi responsável, em 1991, pela 2.ª edição da mesma.



CDOC n.º 1055  
22 pp.  
21 x 15 cm

## ...NA HEMEROTECA

### **POVO ALGARVIO, QUATRO DÉCADAS EM PROL DE TAVIRA E DO ALGARVE**

Fundado a 27 de maio de 1934, com o subtítulo "semanário regionalista", o jornal *Povo Algarvio* assumiu-se desde o início como um acérrimo defensor dos interesses de Tavira, sublinhando, no entanto, no seu artigo de apresentação que "[...] não se esquecerá, contudo, de procurar integrar sempre a defeza dos interesses de Tavira dentro da defeza dos interesses do Algarve". De caráter informativo, noticioso, desportivo e cultural, o *Povo Algarvio* foi um dos periódicos algarvios afetos ao regime salazarista, possuindo inclusivamente uma secção regular dedicada à "Propaganda do Estado Novo". Durante as quatro décadas em que foi publicado, passaram pela sua direção quatro importantes tavirenses: Jaime Bento da Silva (de 1934 a 1946); Isidoro Manuel Pires (de 1946 a 1958); Manuel Virgílio Pires (de 1958 a 1974) e Daniel António Primo Pires (de 1974 a 1978). Este periódico, provavelmente um dos melhores que já se publicou em Tavira, possui igualmente um prestigiado rol de colaboradores, dos quais se destacam: Eduardo Mansinho, Humberto da Cruz, Isidoro Pires, Zacarias Bento Fernandes, Antero Nobre, José Fernandes Mascarenhas, Alberto Iria, Joaquim Magalhães, Mário Lyster Franco, José Neves Júnior, José António Pinheiro e Rosa, Pedro de Freitas, entre outros. O *Povo Algarvio* possuía diversas secções regulares que o tornam uma fonte imprescindível para o estudo da História do Algarve, nomeadamente de Tavira, tais como: "Pela Província" (correspondência de várias localidades algarvias); "Pró-Tavira" (secção de combate pelo desenvolvimento da cidade do Gilão); "Arabescos" (crónicas literárias) e "Pequenos apontamentos" (notas várias sobre diversos acontecimentos). Destacam-se ainda, a título de exemplo, alguns artigos de maior interesse, no sentido de construir uma monografia de Tavira, de entre os quais: "A praia de Tavira" (n.º 1732, 27 de agosto de 1967);

"Tavira lendária e romântica" (n.º 1735, 17 de setembro de 1967); "Notas de um diário: Tavira rejuvenesce", Rodrigues Coelho (n.º 1739, 14 de outubro de 1967) e "Museu da Cidade" (n.º 1744, 18 de novembro de 1967). Após 42 anos de atividade e apesar dos esforços dos seus colaboradores, o *Povo Algarvio* suspendeu a publicação regular em maio de 1975, publicando posteriormente um número anual, para manter o título, até ao seu desaparecimento definitivo em 1978. Na Hemeroteca do Centro de Documentação do Museu possuímos apenas alguns números deste jornal referentes aos anos 1966, 1967 e 1971. Estes exemplares pertencem ao espólio doado pelo louletano José António Madeira à biblioteca-museu da sua terra natal, doação essa noticiada pelo *Povo Algarvio* em 20 de março de 1971:

"O Distinto escritor algarvio Dr. José António Madeira, Engenheiro Geógrafo e Astrónomo Jubilado, num gesto digno do maior apreço e gratidão, exemplo que devia ser seguido por muitos, legou os seus livros e documentos pertinentes a favor da Biblioteca-Museu de Loulé, terra natal do ilustre cientista e Homem de Letras. Para melhor se avaliar do alcance de tão generosa quão significativa deliberação, não resistimos à tentação de dar à estampa a carta há dias enviada por esse motivo ao presidente da edilidade louletana, felicitando por isso muito expressivamente o Dr. José António Madeira."

O artigo é assim complementado com a transcrição completa da referida missiva enviada por José António Madeira à Câmara Municipal de Loulé. Na mesma, o benemérito explica as razões que o levam a fazer esta doação, apelidando-a de "[...] dádiva de pequena monta que traduz a gratidão pela terra onde iniciei as primeiras letras e senti o surgimento da minha débil inteligência, contribuindo assim para o progresso do solar da actividade cultural do município e seguir o exemplo, ainda que modesto, de certas individualidades que noutras terras têm trilhado caminho idêntico."



## ...NA FOTOTECA

A Fototeca do Museu Municipal de Loulé possui no seu acervo uma coleção de trinta e duas reproduções de fotografias ilustrando as tradições, o folclore, os usos e costumes do povo de Alte, no ano de 1938.

Nesse ano, o júri para a eleição d'A *Aldeia Mais Portuguesa de Portugal* percorreu o país de lés-a-lés, acompanhado de uma brigada fotográfica e cinematográfica e por repórteres nacionais e estrangeiros, com o objetivo de captar as vivências e as paisagens das aldeias pré-selecionadas ao concurso. Alte foi a aldeia algarvia escolhida entre as doze finalistas, tendo representado o Algarve no certame.

Este concurso marcou um dos pontos altos da política de estetização do regime - a "Política do Espírito", levada a cabo por António Ferro, Diretor do Secretariado de Propaganda Nacional, literalmente um dos homens de ferro do regime. O discurso oficial do Estado Novo pretendia dar uma ideia de um país de "camponeses estetas", de um povo de poetas que vivia em paisagens rurais harmoniosas, cheias de graça que representavam o genuíno, o autêntico e tradicional da cultura portuguesa, confundindo-se com a própria identidade nacional.

Era também o tempo dos fotógrafos humanistas. Fotografavam por mera paixão, tinham um compromisso pessoal com a nação: contribuir para a produção de uma iconografia nacional. Demonstravam uma compaixão pela vida singela do povo e pelos simples prazeres da vida. Este tipo de fotografia nasce na França nos anos trinta, pela mão de Henri Cartier-Bresson, mas é no pós-guerra que se populariza na Europa. Em Portugal serviu bastante bem o propósito da propaganda do regime.

Tomás de Melo (1906-1990), o autor destes registos, foi um dos artistas designados para esta missão. Natural do Brasil, chega a Portugal numa companhia de teatro. Artista multifacetado - para além de fotógrafo, foi um reconhecido pintor, desenhador, ilustrador e decorador, tendo participado em várias exposições organizadas pelo SPN-SNI. Com uma ligação próxima do Secretariado, terá sido desta forma que se associou à equipa de trabalho *d'Aldeia Mais Portuguesa de Portugal*.

Convidamo-lo a visitar o nosso museu e conhecer esta coleção de perto.



**MUSEU  
MUNICIPAL  
LOULÉ**  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO

**DIVISÃO DE CULTURA,  
BIBLIOTECAS E ARQUIVO**

**WWW.MUSEUDELOULE.PT**

**MUSEU@CM-LOULE.PT**

**289 41 45 36**

**SEG A SEX: 09H30-12H30**

**14H30-17H00**



**loulé**  
concelho